



## A UTILIZAÇÃO DOS ELEMENTOS LÚDICOS E DE DINÂMICAS PARTICIPATIVAS NAS PRÁTICAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM JUNTO À AGRICULTORES FAMILIARES E URBANOS

**Área Temática:** Educação

Ednaldo Michellon<sup>1</sup> (Coordenador da Ação de Extensão)  
Tiago Ribeiro da Costa<sup>2</sup>  
Fernanda Maria Meira Bertonha<sup>3</sup>  
Lígia Mara Jung<sup>3</sup>  
Samireille Silvano Messias<sup>4</sup>

### RESUMO

Recentemente, a extensão universitária no Brasil tem se revelado como instrumento de promoção ao desenvolvimento social das comunidades que, cada vez mais, são protagonistas do processo de elaboração, gestão, execução e avaliação de projetos que atendam às suas demandas. Neste contexto, a utilização de elementos lúdicos e de dinâmicas participativas vinculadas ao planejamento de ações tem sido uma ferramenta importante no desenvolvimento de propostas de extensão universitária e, desta forma, a Rede de Dinamização das Feiras da

<sup>1</sup> Eng. Agrônomo e Doutor em Ciências Econômicas (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Universidade da Califórnia – UCR). Professor Adjunto do Depto. de Agronomia (UEM), Coordenador do Projeto REDIfeira. E-mail: emichellon@uem.br.

<sup>2</sup> Eng. Agrônomo, Eng. de Segurança do Trabalho e Mestre em Genética e Melhoramento Vegetal (Universidade Estadual de Maringá – UEM). Professor Titular do Centro Universitário UniCESUMAR, vinculado ao Projeto REDIfeira-UEM. E-mail: tiago.rcosta@outlook.com;

<sup>3</sup> Engenheiras Agrônomas vinculadas à Universidade Estadual de Maringá enquanto bolsistas do Programa Paranaense de Certificação de Produtos Orgânicos – PPCPO/CERTO – UEM.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, vinculada como bolsista do Programa Paranaense de Certificação de Produtos Orgânicos – PPCPO/CERTO – UEM.

Agricultura Familiar – REDIfeira, projeto conduzido pela Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR propõe a realização da oficina “A utilização dos elementos lúdicos e de dinâmicas participativas nas práticas de ensino-aprendizagem junto à agricultores familiares e urbanos”. Por meio da discussão e da prática de estratégias de diagnóstico e planejamento participativo em comunidades, pretende-se constituir um espaço de troca de experiências entre os participantes e de formação de multiplicadores, considerando o público-alvo da proposta, formado por acadêmicos, docentes, lideranças comunitárias e agentes de Assistência Técnica e Extensão Rurbana. Ademais, a realização desta oficina também representará a formação de um espaço de discussão acerca do papel da extensão universitária enquanto política social das instituições de ensino superior e sobre como esta extensão poderá contribuir futuramente para a elaboração e execução de propostas verdadeiramente participativas.

**Palavras-chave:** Comunidade, Dinâmicas Participativas, Elementos Lúdicos, Extensão Universitária.

## INTRODUÇÃO

*“Feitas pela comunidade e para a comunidade”*: Por meio desta frase, abre-se a discussão do papel das instituições de ensino superior no Brasil, quanto à Extensão Universitária. A ideia sobre Extensão Universitária somente fora inserida nas instituições de ensino superior a partir da segunda metade da década de 1960, a partir da filosofia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Entretanto, este terceiro elemento indissociável (extensão), até então era difuso, considerando a visão tecnocracia abordada por Schwartzman (1984), que afirmou que as instituições de ensino superior até então cumpriram muito mais o papel de instituições selecionadoras e sancionadoras de prestígio e autoridade social do que o papel da promoção de liberdade social por meio do conhecimento. Neste contexto, é válido associar o termo “extensão” ao o termo “difuso” justamente pelo fato de no Brasil, até então, este termo não existir no meio acadêmico, aos moldes atualmente conhecidos.

Ademais, a prática desta extensão universitária esteve, e ainda se encontra, sobreposta, especialmente considerando a conjuntura social e econômica do país que, desde 1960, tem priorizado a ampliação na formação de capital humano, por meio do aumento no número de instituições de ensino. Além disso, esta priorização também se estende à geração de conhecimento, pela ampla valorização da produção científica, criando uma situação “meritocrática enviesada”. Nestas condições, a qualidade dos profissionais é medida pelo número de publicações, em detrimento às ações de campo essencialmente extensionistas junto às comunidades.

Mediante o exposto, torna-se imprescindível o questionamento sobre o papel destas instituições, principalmente quanto à sua relação com a comunidade local/regional, fazendo valer a premissa de que estas instituições possuem a missão de promover o desenvolvimento regional sustentável e este perpassa necessariamente pelas estratégias de extensão universitária.

Ainda, considerando a leitura social, política e econômica dos últimos 50 anos no Brasil, pode-se afirmar que fora instaurado um estado permanente de crise quanto à extensão universitária, revertido parcialmente e somente a partir dos anos 2000, com as atuais formas de incentivo às propostas de extensão universitária.

Para se ter uma ideia, somente o Governo Federal, por meio do Programa de Extensão Universitária – PROEXT, investiu no último exercício fiscal (2012), R\$ 70 milhões em 709 projetos espalhados pelo território nacional (BAPTISTA, 2011), representando um aumento em recursos aplicados de 11,7 vezes se comparado com o ano de 2007.

Outro exemplo desta dinâmica ocorreu no Estado do Paraná, com a criação do Programa de Extensão Universitária Universidade Sem Fronteiras. Por meio desta iniciativa, foram investidos aproximadamente R\$ 60 milhões no período 2007-12, o que potencializou as ações de extensão das instituições estaduais de ensino superior em 281 municípios, por meio da atuação de mais de 5.400 bolsistas recém-formados e graduandos, de diferentes áreas de formação (PUPATTO, 2010, adaptado pelos autores).

Estas e outras estratégias de extensão universitária possuem o caráter participativo quando se considera a sua concepção, a partir da participação popular articulada às suas formas de organização: Trata-se da relevante participação social na formulação, gestão e avaliação de políticas setoriais, conforme posto por Corrêa et al. (2003). Ademais, este caráter participativo também se estende a execução destas estratégias, seja por meio da formulação de programas ou de projetos que atendem as demandas das comunidades no entorno das IES.

Um exemplo de sucesso é trazido pelas ações da Rede de Dinamização das Feiras da Agricultura Familiar – REDIfeira (MICHELLON et al., 2009), projeto conduzido pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, nos municípios componentes da Associação de Municípios do Setentrão Paranaense.

Em seis anos de existência, o Projeto REDIfeira trabalhou com a inserção social de famílias no principal canal de comercialização direta dos produtos da Agricultura Familiar, as Feiras de Produtores. Aproximadamente, 300 famílias foram atendidas, em 21 municípios, sob o enfoque da Nova Política de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER (MDA, 2004), recebendo a consultoria focada nos processos de produção, pós-produção e, especialmente, comercialização. Muitos dos resultados positivos alcançados por meio deste projeto dependeram especialmente do emprego das dinâmicas participativas de diagnóstico e planejamento de ações de extensão, principalmente as de capacitação (COSTA e MICHELLON, 2011).

Mediante o exposto e considerando o sucesso da aplicação das referidas metodologias no diagnóstico e planejamento de ações frente às comunidades atendidas pelo Projeto REDIfeira, o presente trabalho tem por objetivo propor a execução da oficina intitulada “A utilização dos elementos lúdicos e de dinâmicas participativas nas práticas de ensino-aprendizagem junto à agricultores familiares e urbanos”.

## **MATERIAL E METODOLOGIA**

A referida oficina terá duração aproximada de três horas e será voltada à capacitação de discentes de IES, docentes, profissionais que atuam no segmento de extensão universitária, agentes de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e lideranças comunitárias. Não haverá restrição ao número de participantes, todavia, devendo ser observado que para um melhor aproveitamento das práticas e do conteúdo lecionado, sugere-se um máximo de 30 participantes.

A equipe de coordenação desta oficina será composta por um Coordenador e dois facilitadores, todos vinculados ao Projeto REDIfeira. Inicialmente, estes

personagens terão a função de apresentar a proposta do curso, já aplicando a primeira metodologia participativa – Diagnóstico de Expectativas – a qual fornecerá subsídios sobre as experiências dos presentes, bem como suas expectativas e necessidades de aprendizado frente à proposta da oficina. Esta etapa consumirá 30 minutos do tempo disponível.

Em sequência, será apresentada a metodologia do Diagnóstico Rápido/Rural Participativo (VERDEJO, 2010). Embora este modelo de diagnóstico seja voltado ao meio rural, muitos de seus preceitos e práticas são plenamente aplicáveis a diferentes tipos de comunidades, mesmo no meio urbano.

Estarão inseridas nesta discussão práticas em subgrupos (de cinco a seis pessoas), as quais abordarão as técnicas de Observação Participante, Entrevista Semiestruturada, Mapa da Comunidade, Linha do Tempo, Diagrama de Atividades, Árvore de Problemas e Soluções, Diagrama de Venn, Análise de Rotinas e FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças).

Para a realização dinâmica das práticas, serão selecionadas, do conjunto apresentado, apenas as mais relevantes, de acordo com o diagnóstico do público participante, a ser realizado na etapa inicial do certame. Todavia, todas estarão previamente prontas e aquelas que não forem praticadas com o grupo em sala serão contempladas por meio de demonstração efetuada pela coordenação da oficina.

Salienta-se que o DRP a ser executado utilizará como comunidade-beneficiária o próprio grupo que estará presente na oficina, o que configura uma situação próxima à realidade, com diferentes culturas, saberes, formações, concepções de vida e características pessoais (UFSC, 2010). Esta etapa consumirá 90 minutos do tempo disponível.

Em etapa posterior (60 minutos restantes), serão abordados, de maneira expositiva, tópicos sobre o planejamento de ações nas comunidades. Para tal, a coordenação da oficina lançará mão do DRP produzido em etapa anterior e promoverá uma seção plenária, onde serão utilizadas as metodologias de Mapa da Situação Futura, Delineamento de Metas e Júri Simulado (esta última, corriqueiramente utilizada quando de divergências de opiniões nos grupos).

Desta forma, em três horas de oficina, pretende-se demonstrar a gama de metodologias participativas exitosas utilizadas pelo Projeto REDIfeira, ao mesmo tempo em que os participantes, em uma experiência prática, constituirão o conhecimento sobre suas fortalezas e dificuldades. Este processo será auxiliado ainda pela discussão de experiências vivenciadas pelos participantes, em uma simétrica troca de informações sobre o assunto da oficina.

Em termos de materiais, serão utilizados papel pardo, cartolinas, pincéis atômicos, tesoura, régua acrílica (30 cm), fita adesiva, papel sulfite, notebook, projetor multimídia, tela de projeção e caixas de som para computador. Estes materiais serão de responsabilidade da Equipe do Projeto REDIfeira. Por sua vez, a estrutura necessária para a execução da oficina se compõe por uma sala (sala de aula), cadeiras (em número suficiente aos participantes) e mesas ou carteiras para apoio na construção dos produtos do DRP.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Espera que, por meio da realização desta oficina, profissionais, acadêmicos, docentes, agentes de ATER e lideranças de comunidades sejam capacitados no que concerne à aplicação de metodologias participativas de diagnóstico e

planejamento de ações, indo de encontro ao preceito de participação popular, característico das ações de extensão universitária.

Ainda, espera-se que os participantes construam o conhecimento de que estas estratégias, apesar de eficientes, não são absolutas, apresentando pontos fortes e fracos de acordo com o público sobre o qual estas serão aplicadas. Os participantes, com este conhecimento gerado, estarão plenamente qualificados a adaptar tais metodologias às comunidades nas quais estes atuarão.

É importante frisar que as metodologias que serão abordadas em oficina estão sendo utilizadas com sucesso pelo Projeto REDIfeira e muito tem contribuído no sentido da formação de lideranças proativas e de multiplicadores do conhecimento acerca da visualização de entraves e potencialidades de comunidades do meio rural e urbano e do uso destes atributos no planejamento sustentável de ações, considerando culturas, saberes, diferenças sociais, níveis de ensino formal e demais aspectos de ampla influência na execução de projetos de extensão universitária.

O espaço desta oficina servirá não somente como ambiente de ensino-aprendizagem de ações, mas constituir-se-á como um fórum de discussões sobre a própria extensão universitária, em suas diferentes temáticas, e como esta extensão, enquanto política social das IES, poderá contribuir futuramente ao desenvolvimento de propostas realmente participativas e integradas às demandas apresentadas pela sociedade.

Tendo em vista o discutido, especialmente quanto à participação popular na construção de estratégias de extensão universitária, a importância das metodologias participativas de diagnóstico de comunidades e planejamento de ações, além dos potenciais resultados da multiplicação deste conhecimento, a realização desta oficina torna-se amplamente justificável.

## **CONCLUSÃO**

- Nos últimos anos, a extensão universitária tem ganhado ares de protagonismo, tendo em vista sua efetividade na promoção de mudanças sociais, frente às comunidades atendidas, dados os investimentos realizados e à participação popular na formulação, gestão e avaliação de políticas setoriais;
- A aplicação de dinâmicas participativas de diagnóstico de comunidades e planejamento de ações tem sido um fator de sucesso no desenvolvimento de projetos de extensão universitária, especialmente considerando práticas de capacitação e formação de multiplicadores; e,
- A realização da oficina “A utilização dos elementos lúdicos e de dinâmicas participativas nas práticas de ensino-aprendizagem junto à agricultores familiares e urbanos” é amplamente justificável dado o potencial de resultados no sentido da formação de multiplicadores e da constituição de um espaço de discussão acerca da extensão universitária enquanto política social participativa das IES.

## **REFERÊNCIAS**

BAPTISTA, R. Extensão universitária recebe investimento de R\$ 70 milhões. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16696:e](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16696:e)

xtensao-universitaria-recebe-investimento-de-r-70-  
milhoes&catid=212&Itemid=86>. Acesso em: 29. Jun. 2011.

CORRÊA, E.J. et al. A extensão universitária e a gestão democrática participativa.

COSTA, T.R.; MICHELLON, E. Propostas educacionais para a transformação de Agricultores Familiares em Empreendedores. In: XXIX Seminário de Extensão Universitária da Região Sul – SEURS. **Anais...** Foz do Iguaçu: Unioeste, 2011.

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (DATER), **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER**. Brasília: Imprensa Oficial, 2004.

MICHELLON, E. et al. A consolidação de políticas públicas e o protagonismo de produtores rurais e urbanos da Região Noroeste do Paraná através das ações do Projeto REDifeira. In: VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos - ENABER. **Anais...** São Paulo: USP, 2009.

PUPATTO, L.L. Universidade Sem Fronteiras merece ser política permanente no Paraná. Disponível em: <<http://lygia13400.com.br/lygia-pupatto-universidade-sem-fronteiras-merece-ser-politica-permanente-no-parana/>>. Acesso em: 29. Jun. 2011.

SCHWARTZMAN, S. **As teorias da universidade brasileira**. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org/simon/teorias.htm>>. Acesso em: 29. Jun. 2011.

UFSC, **Curso de Formação de Agentes de Assistência Técnica e Extensão Rural em Aprendizagem e Ação Participativa: teoria e prática sobre Diagnóstico, Planejamento e Ação Participativa em Extensão Rural**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. 1 CD-ROM.

VERDEJO, M.E. **Diagnóstico rural participativo: Guia Prático DRP**. Brasília: MDA – Secretaria da Agricultura Familiar, 2010. 62p.